

O tempo em que o alferes miliciano Rui Lopes conheceu o prazer do poder absoluto — o de dar a vida ou dar a morte, os oito meses em que assassinou 13 homens indefesos com as próprias mãos, a pistola e a serrote, e recebeu um louvor militar por tudo isto — teve um começo insignificante.

Em 1966, era ainda um novato comandante de pelotão no Cacheu, no Norte da Guiné, e



não havia sequer guerra nas redondezas. Um dia, chegou-lhe ao quartel um soldado alfiu, vindo da zona do rio. Encontrava colado na janela da casa das lanchas um papel com uma coisinha e uma legenda em letra tremida: "Tu marinheiro das barbas vais morrer." O alferes disse-lhe para assegurar porque "côo que ladra não morde". As coisas continuaram paradas até aparecer de novo o soldado. Não sabia do soldado, quem lhe tinha tirado a pistola.

Não era verdade, apenas esquecera a arma num sítio pouco habitual, como se veio a apurar. Mas o que se seguiu foi irremediável, até hoje não restar a Rui Lopes, aos 50 anos, sendo o mais profundo remorso. Foi, como diz, quando descobriu que a sua zona militar estava "infestada de terroristas" (era assim que lhes chamavam na altura) que iniciou a rede foi como mexer num formigueiro. E as formigas começaram a sair."

Mandou o soldado buscar o tal bilhete e racionou: pouco guineense estará aqui habitado para escrever e a letra pouco firme é de quem está a aprender. Cercou com vários homens a escola da aldeia mais próxima e reparou imediatamente

RUI LOPES

COMISSÃO NA GUINÉ-BISSAU

"TODA A BESTA QUE HÁ DENTRO DE NÓS"

num rapaz de 16 anos, aterrorizado na carteira. Mandou-o escrever ali mesmo uma pequena frase. O rapaz disfarçou a caligrafia, mas não conseguiu fugir a várias semelhanças.

Só confessou ao fim do terceiro dia sem comer e sem beber, amarrado a uma palmeira no meio do quartel, exposto ao sol tropical: dois homens tinham-lhe pedido para escrever aquilo. Rui Lopes prendeu-os.

Um deles foi o primeiro a morrer às suas mãos. Encontrou-o na manhã seguinte a um brutal interrogatório com es-

pancamento. Não tinha legitimidade formal para interrogar ninguém, para isso estava lá um homem da PIDE. Mas este cedera-lhe as funções depois de ambos se zangarem acerca do método mais apropriado para se interrogar um suspeito de pertencer ao PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde), o partido armado que lutava contra as tropas coloniais portuguesas. Rui Lopes contestou o agente da PIDE por este tentar sacar violentamente informações. Acabou por se converter

num "extractor, num mineiro". No fim do serviço, quando voltou, fez as contas e descobriu que apenas uma vez estivera em combate, uma emboscada em que lhe morreu um dos homens.

Passados estes anos, confessa que "não havia regras, ninguém sabia até onde ir" e que entrou numa espiral muito mais violenta que aquela que condenara ao homem da polícia política de Salazar. Mas para isso recebeu o aval dos superiores, desejosos de qualquer informação sobre as redes clandestinas. Assim, quando Rui Lopes telefonava ao fim porque lhe morreu o prisioneiro, o 2.º comandante do batalhão apenas lhe respondeu: "Entere-o."

Muitos se seguiram. O alferes miliciano, que tinha emprego num escritório antes de ir para a guerra — onde foi posto 31 meses sem que, após uma passagem instrutiva pelos Rangers de Lamego —, levasse os limites o que lhe ensinaram. "Ser o melhor militar possível, era o que eu queria. Fui mentalizado para despoletar toda a violência, toda a besta que há dentro de nós. Mas isso não sei se sou eu a tentar despoletar-me..."

Perante a dimensão do que fez e do que sofre hoje com isso, Rui Lopes tenta compreender como foi possível ter sentido, quando matava um homem, o poder absoluto e o prazer sexual. Bebia muito e fumava lãmbia, lembra, mas remói uma pesada dúvida nos pesadelos que continuam, a dormir ou acordado. "Ainda hoje me pergunto: posto exactamente nas mesmas circunstâncias seria capaz de fazer o mesmo? Icho que sim... e é isso que me assusta. A sensação de poder de vida ou de morte é tão grande que nunca mais sinto algo tão forte. Sentir que tinha nas mãos alguém que podia levar até ao fim, até à morte, como levá-lo..." Mas acres-

centa, incomodado: "Se matei por prazer era porque alguma coisa já vinha detrás. Não quero muito falar disso."

O comandante do batalhão — não de tudo, morto por morto. "Tinha tanta responsabilidade como eu." Sem experiência de interrogatório, o alferes miliciano criou-se a "inventar", como comenta. A fim de descobrir que parava a confissão o mais eficaz era a tortura do afogamento num câmbio de água, passou algum tempo.

Os homens morreram de diversas formas. Quase todos estrangulados e um com tiro de pistola. E mais: "Cheguei a serar um indivíduo ao meio... com um serrote... na zona das rins", lembra, com os olhos cheios de água. "Os prisioneiros negros eram postos nus à sua frente e o interrogatório podia demorar vários dias, até se cansar. Uns diziam que pediram morrer, que nada diriam, e era esses que mais torturavam porque mais tinham a esconder. E nunca, em ocasião alguma, se tentaram desferir a violência. Mas eu tinha uma Walter [pistola de guerra] à cintura e mostrava disposição de a usar. Como sei. Você teria reagido? Eu não sei... Ainda hoje não percebo."

No momento da morte do último, o décimo terceiro, começou a grande viragem de Rui Lopes. O prisioneiro escondera uma pequena navalha e tentou suicidar-se com um golpe no pescoço, quando ficou sozinho na cela. O alferes foi chamado de emergência. Furioso, navalhada a navalhada nos tendões e ossos, coberto de sangue do moribundo, completou a operação. "Quando fiquei com a cabeça dele no chão, o primeiro sinal de alergia que senti foi que vi nos olhos dos outros que ali estavam a assistir", os seus subordinados portugueses.



A reviravolta da consciência do alferes mostrou-se num primeiro acto de rebeldia. Pelos serviços relevantes na descoberta da rede dos "terroristas" (o alferes soube mais tarde que as informações que retirava eram utilizadas em "raids" militares), o batalhão decidiu dar-lhe um louvor. Segundo lembra, perguntou directamente ao espantado tenente-coronel: "Sou obrigado a ouvir?" e "Desde quando se louvam os assassinos?" O louvor ficou, mesmo assim.

Quando terminou a comissão dos seus homens — que tinham chegado ao Cacheu há mais tempo — foi colocado noutra local da Guiné. A nova função, apesar dos crescentes problemas de temperamento e com a hierarquia, era ler os jornais estrangeiros e transformar o que se dizia de mal em bem, acerca da política colonial. Outra, era ouvir em segunda mão os presos do PAIGC que já tinham sido interrogados pela PIDE, muitos deles cabo-verdianos e senegaleses.

Abandonara a violência, apenas conversava com eles para depois fazer montagens truncadas das gravações para efeitos de contrapropaganda, já que eram quase todos dirigentes capturados.

O então alferes ouvia-os, semana a semana, e convenceu-se que viera a chafurdar numa ignorância mentira. A guerra mantinha-se, afinal, para "satisfazer desejos e interesses pessoais de alguns, incluindo oficiais de alta patente". Por exemplo, o capitão que, encarregado de enterrar os mortos portugueses, substituiu os caixões em madeiras valiosas de pau-preto e pau-sangue pelas mesmas tábuas de pinho que partiam de Portugal como caixões de mantimentos. E que, no fundo, os "terroristas" tinham razão. "Hoje tenho um profundo respeito por todos eles. Por todos aqueles indivíduos que lutaram pela sua liberdade."

Em 1968, quando regressou a Portugal, este homem magro tinha os nervos em farrapos. Esteve um mês inteiro deitado na cama, de braços cruzados atrás da nuca, no seu quarto de solteiro, na casa onde ainda hoje vive só, com a mãe. Até arranjar o emprego na TAP, onde se mantém há mais de 20 anos, passou semanas em que deambulava toda a noite pelas ruas até se cansar e tentar dormir. Vivia no medo, ao qual ninguém escapa na guerra e depois da guerra, encharcado em antidepressivos e ansiolíticos: "Sou um indivíduo medroso. Ainda hoje tenho medo da vida. Ainda hoje tenho um certo medo de sair à noite em Lisboa."

Começou, em 1971, a fazer colagens com motivos de guerra, uma arte que mantém. Escreveu também o livro em que conta a sua experiência, e que ainda não decidiu tentar publicar (ver extractos, ao lado). Não sabia até que ponto estava doente, quando, há seis anos, lhe morreu o pai e entrou em negra depressão. Era a única pessoa a quem falava "daquilo", o homem que reviu o livro (o original tem ainda marcada a página do dia em que morreu). Respondia-lhe o pai: "Eu não te percebo, mas ouço e tento perceber-te."

Está já há quase seis anos em tratamento com a equipa do psiquiatra Afonso de Albuquerque, no Hospital Júlio de Matos, algo que compara a sentir "sair camadas de porcaria" de dentro de si.

Suspira, quando diz: "É espantoso como eu consigo já falar disto assim!". Mas o horror do que fez na guerra, na Guiné, mantém-se. As vezes, vai Rui Lopes na rua ou está em casa, chegam repentinamente os "flashs". Suspensas diante dos olhos, suspensas pelos fios inquietantemente da memória, param as caras dos 13 homens que assassinou como soldado. "Todos riram. Todos a rir."